

# O poder da história: usar a narração de histórias para melhorar o aprendizado da alfabetização

Sara Miller e Lisa Pennycuff

Tradução: Paulo Bocca Nunes

Para que as escolas melhorem a alfabetização de todos os alunos, diferentes estratégias pedagógicas precisam ser empregadas. Usar a narrativa em sala de aula é uma forma de abordar o desenvolvimento da alfabetização, melhorando a linguagem oral, a compreensão da leitura e a redação. Por causa da natureza inter-relacionada dos processos envolvidos na leitura e escrita, contar histórias é uma estratégia pedagógica eficaz que pode ser tecida em instruções para aumentar as competências dos alunos em todas as áreas. Este artigo abordará como a contação de histórias pode ser usada como uma estratégia pedagógica na sala de aula para melhorar a alfabetização nas áreas de leitura e escrita.

A partir do momento em que as crianças entram no jardim de infância até o último exame no ensino médio, os alunos estão sendo instruídos e avaliados em suas habilidades de leitura e escrita. A maioria dos estados aborda a importância da alfabetização com padrões de proficiência em cada nível de ensino em áreas de linguagem oral, leitura e escrita. Mesmo com o objetivo de melhorar a alfabetização na vanguarda da recente legislação *No Child Left Behind*<sup>1</sup> (NCLB), muitas crianças ainda estão lutando para ler em um nível básico (Haycock & Huang, 2001). Haycock e Huang (2001) descobriram que apenas metade de todos os brancos de dezessete anos, menos de um quarto dos latinos de dezessete anos, e menos de um quinto dos afro-americanos de dezessete anos de idade pode ler no nível avaliado pelo *National Assessment of Educational Progress*<sup>2</sup> (NAEP). A Associação Americana de Fonoaudiologia (ASHA) relatou que “uma em cada cinco crianças em idade escolar da nossa nação sofre de falhas de leitura” (ASHA, n.d., Seção Fatos sobre Alfabetização). Com tantos estudantes lutando para se tornarem alfabetizados, é preciso dar passos para melhorar a capacidade de leitura de todos os alunos. Se algo não for feito, a lacuna de realização entre os leitores proficientes e com baixo desempenho provavelmente continuará a crescer.

Muitos pesquisadores entrevistaram estudantes e encontraram uma alta correlação entre bons leitores e bons escritores, bem como leitores pobres e maus escritores (Moore, 1995). Outros levaram essa conexão adiante e acreditam que “ler como um escritor permite que se torne um escritor”

**Texto original:** The Power of Story: Using Storytelling to Improve Literacy Learning.

**Autor:** Sara Miller e Lisa Pennycuff.

**In.:** Journal of Cross-Disciplinary Perspectives in Education. Vol. 1, No. 1 (May 2008) 36 - 43.

**Disponível em**

<<http://wmpeople.wm.edu/asset/index/mxtsch/storytelling>>

**Acesso em** 16 de novembro de 2017.

**Tradução:** Paulo Bocca Nunes (escritor, contador de histórias, professor, Mestre em Letras Cultura e Regionalidade. Mais informações em [www.pauloboccanunes.com](http://www.pauloboccanunes.com)).

## OBSERVAÇÕES

1. O texto foi encontrado na internet e traduzido sem fins lucrativos.
2. O único objetivo de traduzir o texto é disponibilizá-lo em língua portuguesa e, dessa forma, compartilhar o conhecimento sobre o tema ou assunto para pessoas que tenham interesse.
3. Os Artigos Traduzidos não fazem parte de uma revista eletrônica, nem possui ISBN. Trata-se apenas de uma forma de identificar o seu objeto de texto.
4. A autoria do texto original, em inglês ou espanhol, será preservada bem como a identificação do site em que foi encontrado o texto.
5. Não nos responsabilizamos caso o artigo original ficar indisponível no endereço eletrônico que indicamos. Essa possibilidade pode ocorrer e isso foge da nossa competência.
6. Buscou-se fazer uma tradução a mais próxima possível do texto original, sem fazer adaptações.
7. Quando houver necessidade de esclarecimentos em alguma parte do texto, haverá anotações de rodapé com a observação (N.T.), creditada ao tradutor.
8. Solicita-se que, caso for usado este artigo para qualquer fim, sejam feitas as referências ao autor do texto original, o título original, bem como ao tradutor e o endereço eletrônico em que estará disponibilizado tanto o texto original quanto o texto traduzido.

## ESCLARECIMENTO DE TRADUÇÃO

1. Optamos por traduzir a palavra "storytelling" para "contação de histórias" para sugerir a ideia de contar uma história usando palavras faladas de forma performática, ou em caso de contar através de linguagem de sinais ao vivo que por si só já é performática. Também pelo fato de nos referirmos a "contador(a) de histórias" (storyteller) como aquela pessoa que se dedica à "contação de histórias".
2. Em alguns textos, há expressões que traduzidas ficam: "narrativas orais", "narradores orais", "tradições orais" ou qualquer outra expressão que esteja relacionada a esse tema. A tradução será de acordo com o contexto.

<sup>1</sup> A tradução literal em inglês é *Nenhuma Criança Deixada Para Trás*. [N.T.]

<sup>2</sup> A tradução literal em inglês é *Avaliação Nacional do Progresso Educacional*. [N.T.]

(Langer & Flihan, 2000, p. 126). Essa mudança moveu o pensamento atual para além do relacionamento ou conexão entre leitura e escrita e para a alfabetização. Cairney (1992) define a alfabetização como “uma prática social que assume muitas formas, cada uma com propósitos e contextos específicos” (p. 76).

A alfabetização é uma questão importante para todos, porque o nosso sucesso como sociedade depende da inovação da próxima geração. Os funcionários do século XXI precisam ter mais habilidades de alfabetização do que em outros períodos de tempo, já que o trabalho médio requer alfabetização na área de tecnologia, bem como formas tradicionais de leitura, redação e comunicação. De acordo com Cairney (1992), as habilidades de alfabetização incluem não apenas ler e escrever, mas também responder apropriadamente a uma variedade de mensagens que incluem e-mails que incorporam imagens, bem como texto para ajudar a transmitir significado a outras pessoas e para persuadir, informar e expressar nossas emoções. Além disso, deficiências na leitura e na escrita podem ter um impacto negativo, com 75% dos que abandonaram a escola relatando problemas de leitura e 50% dos adultos com antecedentes criminais identificados como tendo dificuldades de leitura (ASHA, n.d.).

Embora algum progresso tenha sido feito para melhorar a alfabetização dos estudantes por meio da NCLB, muitos estudantes ainda estão lutando, como observado acima. A NAEP relatou que “as habilidades de leitura estão melhorando tanto para alunos de quarta como de oitava série... muitos grupos de alunos obtiveram ganhos em ambas as séries; no entanto, esses ganhos nem sempre foram acompanhados por um fechamento significativo das lacunas raciais / étnicas e de gênero” (Lee, Grigg, & Donahue, 2007, p. 2). Por exemplo, a porcentagem de alunos do quarto ano que se apresentaram em nível básico aumentou de 62% em 1992 para 67% em 2007, mas ainda havia uma diferença de 27 pontos entre os alunos brancos e negros. Além disso, a ASHA (n.d.) descobriu que, se um aluno não está lendo fluentemente até a 4ª série, é provável que ele tenha dificuldade de ler até a idade adulta. Sua análise também mostrou que 41% dos meninos da 4ª série e 35% das meninas leem abaixo do nível básico, mas esse número sobe para impressionantes 70% em algumas áreas urbanas de baixa renda.

## Narrativa

Engajar-se em atividades de contar histórias é uma maneira de motivar até o leitor ou escritor mais relutante. Contar histórias é definido como “relacionar um conto a um ou mais ouvintes por meio de voz e gesto” (Conselho Nacional de Professores de Inglês, 1992, p. 1). Como contar histórias depende tanto do ouvinte quanto do narrador, essa estratégia utiliza o elemento social da linguagem. Pesquisadores descobriram que a instrução de alfabetização é mais eficaz quando desenvolvida através de interação social e colaboração com outros (Dugan, 1997). Essa estratégia pedagógica capitaliza o desejo dos alunos de conversar e interagir com os outros. De fato, alguns pesquisadores descobriram que os leitores e escritores mais fracos são frequentemente os mais adeptos à narrativa (NCTE, 1992). Com base na relação sinérgica entre a linguagem de forma interativa, professores e alunos podem usar a narrativa para melhorar a aprendizagem da alfabetização.

Contar histórias encontra sua herança disciplinar nas humanidades e modos estéticos de conhecer. As enciclopédias definem as humanidades como “as disciplinas acadêmicas que estudam a condição humana, usando métodos que são amplamente analíticos, críticos ou especulativos, distintos das abordagens principalmente empíricas das ciências naturais e sociais”. Os campos historicamente incorporados nas humanidades incluem os clássicos, história, línguas e literatura, direito, artes cênicas, filosofia, religião e artes visuais (Ullman, 1946). Baseando-se fortemente na área das artes performáticas, os contadores de histórias aprendem a usar seu próprio corpo como meio de arte. Dentro das artes performáticas, o teatro é o ramo ao qual a narração de histórias está mais intimamente associada, uma vez que envolve especificamente o uso de fala, gestos faciais, música e dança.

Usando o meio das artes performáticas, Remenyi (2005) relata que contar histórias é um método fundamental para compartilhar conhecimento entre as pessoas, pois permite que os participantes sejam transportados para outro tempo e lugar. Através do uso de linguagem oral descritiva, os alunos são capazes de ter uma experiência melhorada com a literatura (Eisner, 1985). Um componente significativo dessa experiência é o modo estético

de conhecer. Segundo a enciclopédia, a estética é definida pelos estudiosos como “uma reflexão crítica sobre arte, cultura e natureza”. É esse processo reflexivo que leva a novas formas de ver e perceber o mundo. Merriam-Webster (nd) completa o significado através da definição de estética como “responsivo ou capazes de apreciar o que é agradável aos sentidos”. Eisner (1985) identifica as duas contribuições mais importantes de formas estéticas de saber para o campo da educação como as funções referencial e consumatória, descreve a função referencial como a capacidade dos alunos de apreciar e compreender as qualidades transmitidas na aprendizagem, a função consumadora é entender a importância da jornada e encontrar alegria na investigação ao longo do caminho (Eisner, 1985). Através da narrativa, essas funções têm a oportunidade de florescer à medida que os alunos desenvolvem suas habilidades de alfabetização dentro da sala de aula.

## Pesquisa sobre contação de histórias

Diversos estudos foram realizados sobre a efetividade do uso da contação de histórias como estratégia pedagógica. De acordo com um estudo realizado por Isbell, Sobol, Lindauer e Lowrance (2004), os pesquisadores estudaram o impacto da contação e da leitura de histórias no desenvolvimento da linguagem e na compreensão de crianças de três a cinco anos. Os participantes foram divididos em dois grupos, mas as mesmas vinte e quatro histórias foram ouvidas por todos os alunos. O primeiro grupo tinha as histórias contadas para eles. O segundo grupo ouviu as histórias que foram lidas de um livro. Os resultados mostraram que ambos os grupos se beneficiaram de sua instrução. O grupo que ouviu as histórias contadas experimentou maior compreensão, conforme demonstrado em sua recontagem das histórias (Isbell et al, 2004). O grupo narrativo foi mais capaz de identificar o cenário, a moral da história e os personagens das histórias. Segundo Isbell et al. (2004), os contadores de histórias tendem a usar mais repetição, sons e gestos do que uma pessoa apenas lendo uma história. Eles também sugerem que a narrativa requer um maior uso da imaginação visual do que na leitura de histórias, já que não há fotos para compartilhar na narrativa. Contar histórias também é considerado uma experiência mais pessoal, pois o ouvinte frequentemente tem níveis mais altos de contato visual com o narrador do que ouvir uma história lida em um livro. Os autores relatam que contar histórias é considerado uma estratégia eficaz para desenvolver habilidades de escuta e manter os alunos envolvidos (Isbell et al., 2004).

Mello (2001) realizou uma meta-análise de oito estudos sobre o uso da narrativa como estratégia pedagógica. Sua análise incluiu informações de pré e pós entrevistas com os participantes, recontagens dos alunos, medidas de fluência e amostras de escrita dos alunos. Os estudos demonstraram que a alfabetização dos participantes foi aprimorada nas áreas acadêmicas de fluência, aquisição de vocabulário, escrita e recordação. Além disso, ela descobriu que a narração de histórias serviu para melhorar a autoconsciência, a imagem visual e o conhecimento cultural.

O fator humano que emerge da instrução na narrativa levou os pesquisadores a considerarem seus elementos culturais. O exame de Eder (2007) das práticas de narração de histórias dos Navajo revelou que, na cultura Navajo, as histórias são usadas para ajudar a construir conceitos importantes e como o instrumento pelo qual o conhecimento é passado de uma geração para outra. Ela também aprendeu que as histórias pareciam se concentrar em conceitos-chave como respeito e responsabilidade moral para si mesmo, para os outros e para o meio ambiente, e que as histórias eram contadas principalmente pelos anciãos. Eder observa que as famílias que usaram histórias para ajudar seus filhos a aprender importantes lições de vida são consideradas responsáveis por criar seus filhos adequadamente. Como parte do estudo, Eder entrevistou David Martinez, um contador de histórias navajo. Ele expressou que uma pessoa navajo que conhece lendas, contos e cerimônias é considerada um recurso e uma pessoa rica em sua cultura.

Embora reconheça as diferenças dos alunos, a contação de histórias pode encontrar maneiras de construir a comunidade dentro de uma sala de aula e de uma escola, incentivando a reflexão e identificando pontos em comum. Wallace (2000) observou que “o fenômeno da narração de histórias na verdade se torna uma linguagem comum que facilita a comunicação significativa; podemos ouvir e entender as histórias uns dos outros, porque geralmente podemos nos reconhecer nas histórias dos outros, não importa quão variadas as nossas origens culturais ”(p. 436). Estudos adicionais também apoiam a eficácia da narrativa como uma

estratégia pedagógica. Em um estudo conduzido por Cliatt e Shaw (1988), os pesquisadores relataram que a narrativa não apenas ajudou os participantes a melhorar as habilidades de linguagem e lógica das crianças, mas também resultou no desenvolvimento de atitudes positivas em relação à instrução. Como resultado, concluíram que a conexão entre o desenvolvimento da alfabetização em crianças e a narrativa estava bem estabelecida.

## Contar histórias e ler

Contar histórias pode ser usado como um meio eficaz para aumentar a alfabetização precoce e promover habilidades de compreensão de leitura (Haven & Ducey, 2007). Por meio do engajamento ativo, a contação de histórias como uma estratégia pedagógica pode fortalecer a compreensão da leitura, ajudando os alunos a desenvolver um senso de história (Aiex, 1988; Craig, Hull, Haggart e Crowder, 2001; Phillips, 1999). Ter um senso de história é fundamental para os alunos entenderem o texto e perceberem o significado de uma história. O impacto da narração de histórias sobre o desenvolvimento da história por meio do engajamento ativo será abordado abaixo.

Na contação de histórias, a interação é pessoal, envolvente e imediata (Aiex, 1988). Essas características permitem que a narrativa capture a atenção do público. Isso melhora a compreensão da história, fornecendo um contexto social para a alfabetização. Os alunos aprendem os aspectos sociais da linguagem através da observação e participação na narrativa (Craig et al, 2001). Os alunos têm a capacidade de assistir ao narrador usar entonação e expressões faciais para engajar o público (Aiex, 1988). Quando os alunos recontam histórias, eles têm a oportunidade de desenvolver ainda mais suas habilidades de compreensão, relacionando histórias com expressões. Eder (2007) descreve o uso da tradição oral de contar histórias como uma estratégia poderosa para estabelecer padrões de significado. Ela descobriu que eventos que tendem a ser mais memoráveis e envolventes são aqueles associados a emoções intensas.

Através da participação em experiências de contar histórias, os alunos aprendem a construir um senso de história, antecipando características do gênero, incluindo como uma história pode começar e terminar (Craig et al, 2001; Washburn, 1983). O desenvolvimento de um senso de história permite que os alunos façam previsões melhores, antecipem o que vem a seguir, aumentem a consciência de causa e efeito, sequenciem eventos e desenvolvam outras habilidades que auxiliem a compreensão (Aiex, 1988). Contar histórias ajuda ainda mais no desenvolvimento de um senso de história ao incorporar o uso de elementos essenciais da história. Esses elementos incluem ponto de vista, enredo, estilo, personagens, cenário e tema (Haven & Ducey, 2007). A compreensão, a audição crítica e as habilidades de pensamento também são desenvolvidas combinando a narração de histórias com questionamentos, imagens, inferências e recontagens (Craig et al., 2001; Washburn, 1983).

Este desenvolvimento de um senso de história para aumentar a compreensão é particularmente crítico para pessoas de diversas culturas. Algumas culturas organizam a forma como elas relacionam eventos em torno de tópicos, em vez de uma ideia principal (Craig et al., 2001). Assim, para algumas culturas, as histórias são contadas mais como uma crônica de relacionamentos particulares que focalizam o humor da situação ou compartilham os sentimentos de outra pessoa, e não como uma sequência de eventos. Os autores apontam que esses padrões culturais frequentemente resultam em crianças encaminhadas para serviços especializados, que podem não derivar de uma deficiência, mas de suas experiências culturais em relação ao uso da linguagem. Ao participar de experiências narrativas que constroem um senso de história, esses alunos conseguem demonstrar um maior sucesso na compreensão de leitura.

Alguns pesquisadores se concentraram na aplicação prática da contação de histórias como uma estratégia pedagógica para construir a compreensão da leitura. Sue Black (2008), contador de histórias residente na Robert E. Clow Elementary School, em Naperville, Illinois, oferece alguns exemplos concretos de como incorporar a narrativa para melhorar a compreensão. Black (2008) oferece técnicas para incorporar a contação de histórias na literatura que os alunos estão lendo em sala de aula. Os alunos devem ler pelo menos cinco histórias diferentes e encontrar uma que gostariam de contar. Depois de ler a história, o aluno tenta contar a

história para um parceiro. Após a releitura, os alunos retornam ao texto para ter certeza de que os detalhes importantes estão incluídos. Os alunos também podem trabalhar com parceiros para recontar a história usando apenas seis frases – duas para o começo, meio e fim. Seguindo a versão de seis frases, os alunos podem tentar contar a história usando apenas três sentenças – uma para o início, uma para o meio e uma para o final. Com um parceiro, os alunos compartilham suas histórias. O parceiro de escuta oferece um parecer positivo ao contador de histórias e, em seguida, é solicitado que ele ofereça uma sugestão que possa tornar a narração ainda melhor. Os contadores de histórias estão prontos para começar a contar suas histórias para a turma. Em seu trabalho, Black testemunhou um crescente entusiasmo por contar histórias ao ajudar os alunos a experimentar a voz, as expressões faciais e os gestos certos para contar uma história.

A contação de histórias, quando modelada adequadamente, pode servir como uma técnica eficaz para desenvolver habilidades de alfabetização e compreensão de leitura. Isso é possível graças à capacidade de contar histórias de capturar a atenção dos alunos, aumentando assim o desenvolvimento de um senso de história nos participantes.

## Contar histórias e escrever

Contar histórias pode ser usado de muitas maneiras diferentes para impactar a escrita do aluno. NCTE (1992) afirma que, “O conforto do conto oral pode ser o caminho pelo qual os estudantes alcançam o escrito” (p. 2). Focalizando primeiramente a narração de uma história, os alunos não são ameaçados pela forma escrita, mas podem confiar na transmissão oral da importância da história. Nicolini (1994) afirma que “Somos, por natureza, contadores de histórias; portanto, só faz sentido permitir que os alunos tenham a chance de primeiro fazer algo em que já sejam bons” (p. 58). Engajar os alunos em seu aprendizado e motivá-los através da seleção de histórias que eles querem contar traz as crianças para fora das sombras da instrução. Em vez de receber instruções passivas sobre como e o que escrever, os alunos tomam decisões importantes sobre a escrita com o professor como modelo, treinador e facilitador. Essa mudança de poder torna a aprendizagem inerentemente mais significativa para os alunos, porque as histórias pertencem a eles (Nicolini, 1994).

Na sala de aula de escrita, a narração de histórias baseia-se na apresentação de uma narrativa do professor ou do aluno com a intenção de finalmente gravar a história por escrito. Esta estratégia pedagógica liga-se facilmente a uma forma narrativa de escrita, mas também pode ajudar os alunos com outros tipos de escrita. Nas primeiras séries, a escrita de histórias é o foco da maioria das instruções, mas à medida que os alunos se tornam escritores mais proficientes, espera-se que dominem outras formas, como a escrita persuasiva e expositiva. Pesquisadores descobriram que, mesmo no ensino fundamental e médio, os alunos podem se beneficiar do uso da narrativa para melhorar a escrita narrativa (Nicolini, 1994; Wallace, 2000; Houston, 1997). Além disso, eles descobriram que os alunos são capazes de transferir suas habilidades na escrita narrativa para outras formas mais analíticas.

Há duas áreas principais que a narração de histórias impacta positivamente para melhorar a redação do aluno: uso da linguagem e identificação do público. O uso da linguagem para escrever aborda o vocabulário e a organização da história. O público é quem o escritor está abordando e para qual finalidade. Ambos os aspectos da escrita e como a narrativa os impacta serão abordados abaixo.

Encontrar a linguagem para escrever pode ser uma tarefa assustadora para crianças e adultos (Nicolini, 1994). Muitos experimentam o que tem sido chamado de “bloco do escritor”. Um escritor maduro irá trabalhar através de pontos difíceis por escrito, mas muitos estudantes mais jovens desistem e simplesmente param de escrever quando não conseguem pensar em nada para dizer. Um benefício de usar a narração de histórias antes de escrever é que os alunos têm a oportunidade de desenvolver uma linguagem sobre sua história e obter o parecer de outras pessoas antes que o bloco do escritor possa se estabelecer (Houston, Goolrick, & Tate, 1991). Em resposta ao motivo pelo qual a narrativa deveria ser incluída na sala de aula, NCTE (1992) afirma que “os estudantes que buscam suas memórias para obter detalhes sobre um evento enquanto o estão contando oralmente acharão esses detalhes mais fáceis de serem capturados por escrito”. p 2). A partilha oral de ideias de histórias pode ajudar todos os alunos a desenvolver linguagem para a escrita, incluindo estudantes de educação

especial, alunos de segunda língua e alunos dotados (Sasser & Zorena, 1991; McKamey, 1991; Houston et al., 1991).

Além de selecionar o idioma para sua escrita pessoal, os alunos que participam da narração de histórias também são expostos a um novo vocabulário usado pelo professor ou por outros alunos. Ouvir novas palavras ou palavras familiares usadas de uma nova maneira nas histórias de outras pessoas pode expandir os alunos que trabalham com vocabulário (NCTE, 1992). Aprender uns com os outros também valida as vozes dos alunos e suas histórias de vida, ajudando a corrigir divisões culturais e econômicas dentro de uma sala de aula ou escola (Bustamante, 2002).

Contar histórias antes de escrever também serve para ajudar os alunos a organizar sua história. Isso geralmente é considerado o estágio de pré-escrita do processo de escrita. Frequentemente, os professores farão com que os alunos criem um esboço ou uma rede de coisas que os alunos desejam incluir em sua história. Muitas vezes, escritores que lutam, como leitores que lutam, não têm um forte senso de história e sua pré-escrita não é muito útil na elaboração de um enredo bem projetado (Phillips, 1999). Usando a narração de histórias para discutir muitos tipos diferentes de histórias, os alunos podem tomar decisões sobre que tipo de história querem contar e quais detalhes devem incluir participando de discussões orais com um parceiro ou a turma (Black, 2008). Isso permite que o escritor tenha uma ideia de como a história deve ser estruturada antes de escrever. Também dá ao aluno a oportunidade de obter um parecer do professor ou de um colega durante a fase de pré-escrita. Para um escritor em dificuldades, desta vez para narrativa oral dá-lhes confiança em suas ideias, motivação para elaborar uma história interessante e um ponto de partida para o planejamento escrito (Houston et al., 1991).

A segunda área chave que é impactada pela narração de histórias é uma compreensão do público. Como os alunos gastaram tempo contando a história para seus colegas, eles tiveram uma experiência tangível com o “público”. Ensinar as crianças a pensar sobre o público pode ser muito desafiador (NCTE, 1992). A audiência do escritor é quem quer que queira ler seu trabalho, mas isso pode parecer um conceito abstrato para um aluno que se vê como o público. Para agravar a questão, os professores muitas vezes atribuem projetos de escrita que são lidos apenas pelo instrutor para uma nota. Nessas situações, o único fator motivador para o aluno é escrever algo que seu professor goste.

Ao permitir que os alunos contem sua história oralmente e depois compartilhem a forma escrita, os alunos rapidamente entendem seu público – a turma. Os alunos podem então decidir que estilo de linguagem usar para atrair o público e o tipo de história que está sendo contada. Por exemplo, se um estudante quiser recontar uma história triste e deprimente, ele gostaria que o público sentisse essas emoções depois de ouvir ou ler a história. Ao contrário, se um estudante quiser contar uma história engraçada, precisará fazer o público rir.

Além de entender como querem que o público reaja, os alunos também ficam mais conscientes do papel do ouvinte ou do leitor na criação de uma história. NCTE (1992) afirma que: “Os aprendizes que regularmente contam histórias ficam cientes de como um público afeta o ato de contar, e levam essa consciência para a escrita” (p. 2). Assim como na leitura, o entendimento é desenvolvido através da conexão entre o autor e o leitor. Ao escrever, os alunos precisam aprender que o papel deles mudou, agora eles são os autores e precisam encontrar maneiras de interagir com o leitor. Os alunos podem praticar esse conceito oralmente, contando até que tenham internalizado como o leitor pode reagir à medida que a história se desenrola.

## Implicações para pesquisa e prática

No livro de Jonathan Kozol (2007), *Letters to a Young Teacher*<sup>3</sup>, ele escreve que no campo da educação hoje é particularmente difícil para os professores protegerem um “senso de arte e criatividade imaginativa” em seu trabalho, já que tanto a arte quanto a imaginação são atualmente “sob assalto” no campo (p. 107). Kozol continua citando uma declaração feita por Susan Neuman, a ex-assistente do Departamento de Educação dos

<sup>3</sup> *Cartas para um Jovem Professor*. [N.T.]

Estados Unidos, que compartilhou que a intenção da administração Bush era “mudar a face da instrução de leitura nos Estados Unidos de uma arte para uma ciência” (Kozol, 2007, p. 108). Esse enfoque criou a necessidade de educadores enfatizarem os resultados quantitativos das estratégias baseadas em pesquisa. Este artigo mostrou que muitos pesquisadores e educadores observaram a eficácia do uso de histórias em sala de aula, mas como essa estratégia tem raízes nas artes, ela é mais facilmente medida de maneira qualitativa. As tentativas de avaliar os processos complexos da instrução de alfabetização devem incluir o conhecimento estético para apreciar plenamente os benefícios dessa estratégia. Os pensamentos de Kozol também ajudam a destacar a desconexão que ocorre quando a literatura e as artes da linguagem são retiradas das ciências humanas e agrupadas nas ciências.

Os educadores precisarão encontrar métodos para colocar a “arte” de volta no ensino a fim de alcançar todos os alunos. Como muitos pesquisadores estão agora reconhecendo a narrativa como uma estratégia eficaz para aumentar a alfabetização, alguns consideraram as necessidades dos professores ao se prepararem para usar essa estratégia, fornecendo técnicas para implementar a narrativa na prática em sala de aula. Mottley e Telfer (1996) conduziram um estudo de futuros professores para determinar quais foram as suas experiências com a narração de histórias, tanto como ouvintes como como escrutinadores. Eles examinaram o conhecimento dos futuros professores sobre o impacto da narração de histórias sobre o desenvolvimento da alfabetização e identificaram o que os futuros professores precisam para estarem preparados para usar essa estratégia com os alunos. Os pesquisadores aprenderam que a maioria dos participantes poderia recordar experiências com histórias, indicando que essas experiências tiveram um impacto duradouro sobre elas. Os futuros professores foram convidados a considerar suas necessidades à medida que implementavam essa estratégia na sala de aula. A escolha de histórias apropriadas, a preocupação com a capacidade de efetivamente contar uma história e a necessidade de compreender o propósito da narrativa na educação foram as maiores áreas de necessidade. Esses pesquisadores afirmaram que a narração de histórias deve se tornar parte das estratégias estudadas nos programas de preparação de professores, para que os professores estejam preparados para implementar a narração de histórias com instruções de leitura e escrita.

## Conclusão

Contar histórias é uma estratégia eficaz que incorpora as maneiras estéticas de conhecer em instrução. Além de melhorar o desempenho acadêmico dos alunos nas áreas de leitura e escrita, a narração de histórias também tem a capacidade de aprimorar as artes na educação e motivar as crianças a se conectarem com seu aprendizado. Em busca de alfabetização ao longo da vida, devemos lembrar como Eisner (1985) afirmou que “os resultados duradouros da educação são encontrados na alegria do passeio, não apenas em chegar ao destino” (p. 35). Esperamos que a visão de Eisner seja abraçada à medida que os professores encontrarem maneiras de implementar a contação de histórias em sala de aula e os pesquisadores continuem estudando os benefícios dessa estratégia pedagógica na realização de leitura e escrita.

## Referências

- Aiex, N. K. (1988). Storytelling: Its wide-ranging impact in the classroom. (ERIC Document Reproduction Service No.: ED299574).
- American Speech-Language-Hearing Association. (n.d.). Facts on literacy: A national crisis. Retrieved April 13, 2008, from <http://www.asha.org/about/publications/literacy>.
- Black, S. (2008). Literature based storytelling: Read one, tell one. Retrieved March 23, 2008, from [www.ala.org/booklinks](http://www.ala.org/booklinks)
- Bustamante, D. M. (2002). Telling our stories, finding our voices: Nurturing a community of learners. *Primary Voices K-6*, 11(1), 2-6. Retrieved June 25, 2006, from ERIC database.
- Cairney, T. H. (1992). New avenues to literacy. *Instructional Leadership International*, pgs. 76-77.

- Cliatt, M. & Shaw, J. (1988). The story time exchange: Ways to enhance it. *Childhood Education*. 64 (5), pgs. 293-298. (ERIC Document Reproduction Service No.: EJ373896).
- Craig, S., Hull, K., Haggart A., & Crowder, E. (2001). Storytelling: Addressing the Literacy Needs of Diverse Learners. *Teaching Exceptional Children*. Vol 43 (5), pgs. 46-51.
- Dugan, J. (1997). Transactional literature discussions: Engaging students in the appreciation and understanding of literature. *Reading Teacher*, 51(2), 86-96.
- Eder, D. J. (2007). Bringing Navajo storytelling practices into schools: The importance of maintaining cultural integrity. *Anthropology and Education Quarterly*. Vol. 38 (3), pgs. 278-296.
- Eisner, E. (1985). Aesthetic modes of knowing. In E. Eisner (ed.), *Learning and teaching the ways of knowing: Eighty-fourth yearbook of the National Society for the Study of Education*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Haven, K. & Ducey, M. (2007). *Crash course in storytelling*. Westport, CT: Libraries Unlimited.
- Haycock, K. & Huang, S. (2001). Are today's high school graduates ready? *Thinking K-16*, 5(1). The Education Trust, Washington, DC.
- Houston, G. (1997). The power of story: What I have learned as a writer and a teacher. *Reading Teacher*, 50(5), 382-395. Retrieved June 25, 2006, from ERIC database.
- Houston, G., Goolrick, F., & Tate, R. (1991). Storytelling as a stage in process writing: A whole language model. *Teaching Exceptional Children*, 23(2), 40-43. Retrieved June 25, 2006, from ERIC database.
- Isbell, R., Sobol, J., Lindauer, L., & Lowrance, A. (2004). The effects of storytelling and story reading on the oral language complexity and story comprehension of young children. *Early Childhood Education Journal*, Vol. 32, No. 3.
- Kozol, J. (2007). *Letters to a young teacher*. New York, NY: Random House, Inc.
- Langer, J. A. & Flihan, S. (2000). Writing and reading relationships: Constructive tasks. In R. Indrisano (Eds.), *Perspectives on writing: Research, theory, and practice* (pp. 120-146). Newark, DE: International Reading Association.
- Lee, J., Grigg, W., & Donahue, P. (2007). *The Nation's Report Card: Reading 2007* (NCES 2007-496). National Center for Education Statistics, Institute of Education Sciences, U.S. Department of Education, Washington, D.C.
- McKamey, E. S. (1991). Storytelling for children with learning disabilities: A first-hand account. *Teaching Exceptional Children*, 23(2), 46-48. Retrieved June 25, 2006, from ERIC database.
- Mello, R. (2001). Building bridges: How storytelling influences teacher and student relationships. In *Proceedings, storytelling in the Americas conference*. St. Catherine, ON: Brooks University Press ERIC Document Reproduction Service No. ED457088).
- Merriam-Webster's Online Dictionary. (n.d.). Retrieved on March 20, 2008, from <http://www.merriamwebster.com/dictionary/aesthetic>
- Moore, S. R. (1995). Questions for research into reading-writing relationships and text structure knowledge. *Language Arts*, 72(8), 598-606.
- Mottley, R. & Telfer, R. (1996). Storytelling to Promote Literacy: Prospective teachers' storytelling experiences and expectations. Paper presented at the Annual Conference of the American Reading Forum. (ERIC Document Reproduction Service No. ED419221).
- National Council of Teachers of English: Position Statement from the Committee on Storytelling. (1992). *Teaching Storytelling*. Retrieved June 25, 2006, from <http://www.ncte.org/about/over/positions/category/curr/107637>

- Nicolini, M. B. (1994). Stories can save us: A defense of narrative writing. *English Journal*, pgs. 56-61.
- Phillips, L. (1999). The role of storytelling in early literacy development. (ERIC Document Reproduction Service No. ED444147).
- Remenyi, D. (2005). Tell me a story – A way to knowledge. *The Electronic Journal of Business Research Methodology*. Vol. 3 (2), pages 133-140, available online at [www.ejbrm.com](http://www.ejbrm.com).
- Sasser, E. & Zorena, N. (1991). Storytelling as an adjunct of writing: Experiences with gifted students. *Teaching Exceptional Children*, 23(2), 44-45. Retrieved June 25, 2006, from ERIC database.
- Ullman, B. L. (1946). What are the humanities? *The Journal of Higher Education*, Vol. 17 (6), pgs. 301-307.
- Wallace, C. (2000). Storytelling: Reclaiming an age-old wisdom for the composition classroom. *Teaching English in the Two-Year College*, 27(4), 434-439. Retrieved June 25, 2006, from ERIC database.
- Washburn, J. S. (1983, November 18-23). Literature, storytelling, and creative drama. Paper presented at the Annual Meeting of the National Council of Teachers of English. (ERIC Document Reproduction Service No. ED244301).